

SETE VEZES UM FRACASSO

UMA PANORÂMICA DISPENSACIONAL DA BÍBLIA

Por Cornelius R. Stam

Da mesma forma que a presente administração política nos Estados Unidos da América, uma administração divina, ou dispensação, cobre naturalmente um período de tempo. Porém, ao contrário do que muitos supõem, em si, não é um período de tempo. O dispensacionalismo não se ocupa com o tempo, mas com o governo de Deus sobre as Suas criaturas.

Assim, a história sagrada pode ser dividida em muitas ou poucas dispensações, segundo o grau de detalhe tido em consideração. Por exemplo, em Rom. 5 o apóstolo Paulo fala de todo o período decorrido entre a queda do homem e a dádiva da Lei como uma dispensação. “*Desde Adão até Moisés*”, diz ele, “*a morte reinou*”, ainda que “não houvesse lei (Mosaica)” (Rom. 5.12-14). No entanto sabemos que vários progressos dispensacionais ocorreram durante este período.

AS SETE DISPENSAÇÕES

Durante muitos anos temos achado que, basicamente, as Escrituras se desdobram naturalmente em sete dispensações, denominadas na generalidade: (1) Inocência, (2) Consciência, (3) Governo Humano, (4) Promessa, (5) Lei, (6) Graça, e (7) Reino (ver carta apensa ao artigo – última página).

Alguns classificam o período Pentecostal como uma dispensação por o programa do reino ter então sido praticado, mas isso *abortou*, pois o reino não foi aceite por Israel como nação. O período da grande tribulação também é algumas vezes rotulado de dispensação, mas na realidade esse período é o juízo de Deus sobre um mundo que tem rejeitado a Sua graça e é um preâmbulo ao estabelecimento do reino de Cristo.

“A dispensação da plenitude dos tempos”, argumenta-se algumas vezes, segue-se ao reino de Cristo e, como tal, deveria ser classificada como uma dispensação separada. Mas “a dispensação da plenitude dos tempos” dificilmente poderá ser classificada com outras dispensações uma vez que será, como o nosso domingo, não meramente um novo dia, mas todo um novo princípio, completamente separado dos sete “dias” precedidos.

“A dispensação da plenitude dos tempos” (Efé. 1.10), não será, como as sete dispensações precedentes, uma demonstração do pecado do homem e da sua necessidade de Cristo, mas será antes o culminar de todos os tratos de Deus com o homem desde Adão, e o banimento do pecado, do céu e da terra – a necessidade do homem gloriosamente suprida.

Existem outras divisões dispensacionais que ensinadores capazes têm salientado e às quais não temos nenhuma objecção particular a fazer, mas ao termos considerado pelo menos muitas delas, temos concluído que o ponto de vista das “sete dispensações” é o mais básico e natural.

O Dr. Seefield e outros têm revelado como cada uma das sete dispensações termina¹ com uma visitação do juízo de Deus sobre o homem devido à sua desobediência. Contudo estes irmãos têm aparentemente olvidado o facto de depois da queda o registo e cada nova dispensação *começar* com uma *narrativa*, que indica antecipadamente que o homem fracassará de novo.

Assim, depois da queda as dispensações não somente terminam em fracasso; *começam* também com fracasso.

Então, depois de o homem ter fracassado sete vezes, historicamente, e depois de ter sido julgado sete vezes, Deus congregará em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra, na “dispensação da plenitude dos tempos” (Efe. 1.10).

A DISPENSAÇÃO DA INOCÊNCIA

Antes da queda, o homem era inocente. Ele não sabia distinguir o bem do mal, simplesmente porque apenas conhecia o bem. Ele não tinha desejo nem inclinação de desobedecer ou de se rebelar contra Deus sob forma alguma. Encontrava-se nu sem que disso tivesse vergonha, mesmo na presença de Deus. Ainda assim tudo isto não o impediu de por fim se render à tentação de Satanás e desobedecer a Deus.

Adão, criado auspiciosamente pela mão de Deus, graciosamente sustentado por Ele, e desfrutando com Ele ainda duma docíssima comunhão, fracassou e caiu, e com ele caiu todas a espécie humana, pois todas as gerações de homens que se lhe sucederam ainda se encontravam *em Adão*.

“... por um homem entrou pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram” (Rom. 5.12).

Deste ponto em diante o registo de toda a dispensação principia com uma narrativa que indica claramente que sob as condições alteradas o homem fracassará de novo. Assim, toda a dispensação demonstra de novo a profunda necessidade que o homem tem da graça de Deus em Cristo.

A DISPENSAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Com a entrada do pecado o homem entrou na posse do conhecimento do bem e do mal, e com ele a *consciência*. Um sentimento de culpa feria-o agora sempre que agia mal.

¹ Apenas como um outro avanço no trato de Deus com os homens, e uma demonstração da necessidade do homem, de Cristo. Na realidade algumas das dispensações ainda não terminaram. Por exemplo, apesar da chamada de Abraão ter dado início à dispensação da promessa não trouxe a dispensação anterior ao seu término, pois o governo humano ainda hoje se encontra em força

Poder-se-ia pensar que em si isso seria um forte impedimento para o mal e que, talvez, isso impedisse o homem de tornar a cair no pecado.

Longe disso, contudo, pois agora o homem possuía uma *natureza* pecaminosa, e quando nos volvemos para o capítulo seguinte do registo sagrado, encontramos uma narrativa que nos narra que o primogénito de Adão recusa trazer a Deus o sacrifício cruento requerido – era demasiado perfeito para tal! Mas não foi suficientemente perfeito quando feriu mortalmente o seu próprio irmão por o sacrifício deste ter sido aceite por Deus e o seu não (Gén. 4.1-8).

Assim, a *Dispensação da Consciência* principia com o relato dum homicida, e antes da dispensação ser trazida ao seu término lemos que a terra se encontrava “cheia de violência” e que “os seus pés são ligeiros para derramar sangue” (Gén. 6.11; Rom. 3.15); de tal forma que Deus teve de destruir toda a humanidade com um dilúvio, excepto Noé e a sua família.

A DISPENSAÇÃO DO GOVERNO HUMANO

Devido à violência e ao derramamento de sangue que prevalecera então, Deus instituiu agora, com Noé, a *Dispensação do Governo Humano*. O cerne desta nova dispensação encontra-se na injunção divina:

“Quem derramar o sangue do homem, *pele homem* o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme à sua imagem” (Gén. 9.6).

É esta a base de todo o código de justiça penal, pois se Deus colocou nas mãos dos homens a responsabilidade de punirem com a pena capital, certamente que Ele incluiu todas as penas menores.

E uma vez mais, mal se acaba de ler o registo do Concerto Mosaico, tem-se logo a narrativa da bebedeira e vergonha de Noé.

“E ... Noé ... plantou uma vinha. E bebeu do vinho, e embebedou-se; e descobriu-se no meio de sua tenda” (Gén. 9.20,21)

Ali na sua tenda ele jaz bêbado e nu, de tal forma que Sem e Jafé tiveram de tomar uma capa para o cobrir.

“O vinho é escarnecedor”, e a embriaguês é sempre propensa a fazer da sua vítima um louco, no entanto este caso reveste-se de mais significância que os demais, pois Noé foi o primeiro governador civil do mundo, e em Prov. 31.4 lemos:

“Não é próprio dos reis, ó Lemuel, não é próprio dos reis beber vinho, nem dos príncipes beber bebida forte”.

O significado desta admoestação é claro. Os governadores não devem entregar-se a bebidas intoxicantes pois devem estar sempre sóbrios. Que os outros bebam se quiserem, não porém o rei, pois as suas responsabilidades são enormíssimas.

É verdade que, nos dias de Noé, a comunidade era reduzida e pequena, mas se ele fosse incompetente para governar aqueles poucos, como poderia ele ser qualificado para governar um número maior de pessoas?

O homem demonstrou assim a sua condição depravada e fracassou sob esta nova dispensação. O primeiro governador humano fez uma triste cena de si próprio por meio da embriaguês, exibindo assim a todos a sua incapacidade de governar responsabilmente sobre os seus semelhantes.

Estranhamente, a humanidade como um todo foi afectada por outra espécie de intoxicação quando a dispensação do Governo Humano se movia para o seu fim. Tornou-se intoxicada com a sua própria importância e, não satisfeita com a protecção e o amor de Deus, seguiu Caim que, tendo sido afastado da presença do Senhor, foi o primeiro a edificar uma cidade.

“E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos uma nome, para que não sejamos espalhados pela face de toda a terra” (Gén.11.4).

O resultado do seu orgulho foi que o Senhor confundiu a sua língua e “espalhou-os dali sobre a face de toda a terra” (Ver. 8).

É referindo-se a este período da história que o apóstolo declara: “Pelo que também Deus os entregou ... Deus os abandonou ... Deus os entregou ...” (Rom. 1.24,26,28)

A DISPENSAÇÃO DA PROMESSA

Foi nesse cenário que Deus escolheu Abraão (nessa altura ainda chamado Abrão) e disse-lhe:

“Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que Eu te mostrarei.

E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção.

E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti em ti serão benditas todas as famílias da terra.” (Gén. 12.1-3)

No seu carácter estas promessas eram incondicionais e certamente serão gloriosamente cumpridas, mas não devido a alguma virtude em Abraão ou na sua semente multiplicada, pois o próprio Abraão fracassou logo no princípio ao não apropriar a promessa de Deus, como indica a frase de abertura de Génesis 12: “Ora o Senhor *disse* a Abraão ...” Isto indica que Abraão tinha feito algo diferente do que Deus lhe tinha dito para fazer; assim devemos recuar à breve narrativa com que a *Dispensação da Promessa* principia:

“E tomou a terra a Abrão seu filho, e a Lot filho de Haran, filho de seu filho, e a Sarai sua nora, mulher de seu filho Abrão, e saiu com eles de Ur dos Caldeus, para ir à terra de Canaã; e vieram até Haran, e habitaram ali.

E foram os dias de Terá duzentos e cinco anos; e morreu Terá em Haran.” (Gén. 11.31,32)

O modo preciso *como* Deus falara a Abraão não nos é dito, nem necessitamos de saber, mas pelo que nos é dito aqui não nos é difícil de imaginar. Abraão diz ao seu pai idólatra ², e talvez a toda a sua família, que Deus lhe falou, instando com ele para que deixasse a sua terra, a sua parentela e até a casa de seu pai, para se dirigir para uma terra que Deus lhe mostraria. Pode-se imaginar a consternação que este anúncio terá provocado e como Terá terá replicado com o filho: “Estas a sonhar ... Como é que podes deixar a tua própria carne e sangue? ... Espera um mês ou meses mesmo, e pensa bem”, etc. finalmente, quando Abraão insiste em ir, que deve ir Terá diz: “***Eu levar-te-ei***”.

Ora Deus tinha claramente instruído Abraão: “***Sai ... da tua parentela e da casa de teu pai***”, mas evidentemente Abraão rendeu-se à proposta final de Terá, e assim Terá, cujo nome significa *impedimento* “tomou Abrão ... e Lot ... e Sarai” e principiou a jornada para Canaã. Porém não avançou mais que Haran, “*e habitou ali*”. Na verdade, o pequeno grupo habitou ali até à morte de Terá, vinte e cinco anos mais tarde. Assim Abraão procrastinou vinte e cinco anos, fracassando todos aqueles anos a sua entrada em Canaã, a terra para a qual o Senhor o tinha chamado.

É esta a narrativa com que principia a *Dispensação da Promessa*. E como ela termina? Com *Israel*, a semente multiplicada de Abraão, fracassando a sua entrada em Canaã, a terra da promessa.

Em Deuterónimo 1, Moisés recorda como foi logo após Israel ter deixado o Egipto que ele lhes disse:

“Chegados sois às montanhas dos Amorreus, que o Senhor nosso Deus nos dará. Eis aqui o Senhor teu Deus te deu esta terra diante de ti: sobe, possui-a, como te falou o Senhor Deus de teus pais; não temas e não te assustes” (Vers. 20,21).

Porém eles, como seu pai Abraão, tinham dado ouvidos à voz da incredulidade, como Moisés agora lhes recorda:

“Então todos vós vos chegastes a mim, e dissestes: Mandemos homens adiante de nós, para que nos espiem a terra, e nos dêem resposta por que caminho devemos subir a ela, e a que cidades devemos ir.

Mas nem por isso crestes ao Senhor vosso Deus, Que foi adiante de vós por todo o caminho, para vos achar o lugar onde vós devíeis acampar: de noite no fogo, para vos mostrar o caminho por onde havíeis de andar, e de dia na nuvem” (Vers. 32,33).

Assim, a *Dispensação da Promessa* principiou com o fracasso de Abraão ao não entrar em Canaã e terminou com Israel tendo um fracasso idêntico.

² Ver Josué 24.2

A DISPENSAÇÃO A LEI

Foi na altura em que Israel se encontrava a vaguear pelo deserto que Deus introduziu a *Dispensação da Lei*, primeiro dirigindo-se a Israel no Monte Sinai, e depois dando-lhes a Lei escrita, *“posta pelos anjos na mão dum medianoiro”*, nomeadamente, Moisés (Gál. 3.19; Cf. João 1.17).

Em Êxo. 19.18 lemos que “todo o Monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo” e no Capítulo 20 somos informados que “Deus falou todas estas palavras (isto é, os Dez Mandamentos” (Ver.1), “estando o povo em pé de longe” (Ver.21).

Em todos os Dez Mandamentos nada foi tão forte e solenemente enfatizado como a proibição de se ter ou de se adorar “outros deuses”, e quando Moisés se aproximou de Deus foi lembrado pela voz do próprio Deus:

“Assim dirás aos filhos de Israel: vós tendes visto que Eu falei convosco desde os céus. Não fareis outros deuses comigo; deuses de prata ou deuses de ouro não fareis para vós” (Vers. 22,23).

Anos mais tarde Moisés desafiou a nação favorecida:

“Porque, pergunta agora aos tempos passados, que te precederam desde o dia em que Deus criou o homem sobre a terra, desde uma extremidade do céu até à outra, se sucedeu jamais coisa tão grande como esta, ou se se ouviu coisa como esta? Ou se algum povo ouviu a voz de Deus falando do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo?” (Deut. 32,33)

Nunca coisa como esta tinha acontecido antes, O povo de Israel tinha sido notória e tremendamente honrado. Eles viram o Sinai a arder e sentiram a terra tremer quando Deus, o próprio Deus, lhes falara. Decerto que eles não necessitariam de ser lembrados de que não deviam adorar outros deuses ou ídolos de prata e de ouro. Como é que eles se poderiam esquecer?

Ah, mas esqueceram-se – quase de seguida. Logo no início a nova dispensação, antes de Moisés ter mesmo descido do monte, uma coisa vergonhosa aconteceu. Encontramos a narrativa chocante em Êxo. 32.1:

“Mas vendo o povo que Moisés tardava em descer do monte, ajuntou-se o povo a Aarão, e disseram-lhe: Levanta-te, faze-nos deuses, que vão adiante de nós: porque enquanto a este Moisés, a este homem que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe sucedeu”.

Não há qualquer registo de que Aarão tivesse dito uma única palavra em protesto: na verdade, encontramos-lo a ordenar logo a recolha dos brincos do povo, a fim de poder fazer-lhes um bezerro de outro. E quando o bezerro de ouro fica consumado ouviu-lhe dizer o povo: *“Este é o teu Deus, ó Israel”* (Êxo. 32.2-4 Cf. Neem.9.18). Assim,

quando Moisés desceu do Monte Sinai encontrou o povo a dançar, como os pagãos, à volta dum bezerro de ouro.

Isto foi como a *Dispensação da Lei* começou. Será estranho, então, que termine não só com Israel a crucificar o filho de Deus, mas orgulhando-se do terrível feito depois de Ele ter ressuscitado de entre os mortos e se ter apresentado vivo “com muitas e infalíveis provas”? Não é de admirar que Estêvão, cheio do Espírito, tenha pronunciado sobre a sua nação a terrível acusação:

“Homens de dura cerviz, e incircuncisos de coração e ouvido: vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim vós sois como vossos pais.

A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Até mataram os que anteriormente anunciaram a vinda do Justo, do Qual vós agora fostes traidores e homicidas; Vós que recebestes a lei por ordenação dos anjos, e não a guardastes” (Act. 7.51-53).

Nós salvaguardamos aqui que isto de forma alguma indica que Israel tivesse sido pior que os Gentios, somente prova que mesmo quando Deus escolheu parte da humanidade e os abençoou acima de todos os outros, instruindo-os claramente quanto à Sua vontade, eles não conseguiriam melhores resultados que os restantes, o que só veio provar que os filhos de Israel também eram filhos de Adão. Assim lemos em Rom. 3.19:

“Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda a boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus”.

A DISPENSAÇÃO DA GRAÇA

Com o apedrejamento de Estêvão tudo parecia estar pronto para o derramamento da ira de Deus sobre Israel e as nações, contudo o amor divino interveio para introduzir a presente “*dispensação da graça de Deus*” (Efe. 3.1-3).

“Veio porém a lei para que a ofensa abundasse; **MAS ONDE O PECADO ABUNDOU, SPERABUNDOU A GRAÇA;** **PARA QUE, ASSIM COMO O PECADO REINOU** na morte, **TAMBÉM A GRAÇA REINASSE** pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor” (Rom. 5.20,21).

Ao interromper o programa profético precisamente quando o terrível juízo era eminente, Deus salvou Saulo de Tarso, o líder da rebelião contra Cristo³, e fez dele não apenas o arauto, como a demonstração viva da Sua superabundante graça. Agora, com o coração corrupto do homem plenamente exposto era suficientemente evidente que o homem necessitava de salvação pela misericórdia e graça de Deus, e Paulo foi por toda a parte oferecendo “as riquezas da graça de Deus” por meio dos méritos do Cristo crucificado, ressuscitado e exaltado. Tudo o que este grande apóstolo tem a dizer nas suas cartas acerca do perdão, justificação, santificação, qualidade de membro no Corpo de Cristo, a nossa posição nos celestiais e as nossas “todas as bênçãos espirituais” ali, baseiam-se na *gloriosa obra consumada, toda suficiente, que Cristo realizou no Calvário.*

³ Ver Actos 8.3; Gál. 1.13

Apesar das epístolas de Paulo compreenderem apenas uma pequena porção da Bíblia, encontramos, contudo, nessas epístolas mais acerca da cruz, do sangue, da morte de Cristo, e do que essa morte conseguiu, do que em *todo o restante da bíblia junto*.

Seria de todo o interesse para o leitor tomar cada uma das três palavras atrás mencionadas e nas suas derivadas e ver numa boa concordância quão absolutamente verdade é esta declaração. A totalidade da *“pregação de Jesus Cristo segundo a revelação do mistério”*, centra-se na cruz e na morte do nosso Salvador pelo pecado, e ninguém poderá ter uma clara compreensão do “evangelho” de Paulo ou das boas novas a respeito do “mistério”, se não compreender primeiramente *“o mistério (ou segredo) do evangelho”* (Efe. 6.19), centrado nas gloriosas vitórias do nosso Senhor Jesus Cristo no Calvário.

Poder-se-ia supor com toda a certeza que esta gloriosa mensagem da graça, proclamada por Paulo, seria aceite, mas não.

A narrativa com que a *Dispensação da Graça* principia é uma vez mais um profundo desapontamento e mais uma demonstração da depravação do coração humano.

Quase por todo o lado por onde o apóstolo ia com esta alegre mensagem ele “sofria trabalhos como um malfeitor” (II Tim. 8.8) Finalmente acabamos por o encontrar preso em Roma, “um embaixador em cadeias”⁴ (Efe. 6.10,20).

Será então alguma admiração que nós, embaixadores de Cristo nos nossos dias, soframos quando procuramos proclamar esta mensagem aos outros? Na verdade, se nós não sofremos, isso é indicação de timidez e infidelidade, pois a mensagem por que Paulo viveu e morreu a fim de a tornar conhecida, hoje em dia não é mais popular, mesmo nos círculos religiosos, que foi nos seus dias.

Assim o Apóstolo exortou Timóteo e outros, como também o Espírito Santo nos exorta a nós:

“Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza e de amor, e de moderação. Portanto não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim que sou prisioneiro Seu; antes participa das aflições do evangelho segundo o poder de deus” (II Tim. 1.7,8).

“Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer n’Ele, como também padecer por Ele” (Fil. 1.29).

O REINO DE CRISTO

O *Reino de Cristo*, muitas vezes chamado o Milénio, certamente que ainda é futuro, as até mesmo esta dispensação começará com uma indicação clara de que o reino

⁴ Isto, em si, indica que Deus agora estava a tratar com o mundo em graça, pois qual seria o governo que permitiria que uma outra nação aprisionasse o seu embaixador, sem lhe declarar guerra imediata?

beneficente de nosso Senhor não alterará o coração irregenerado. O homem *ainda* é um fracasso.

Isto será evidente pelo facto de, para o Senhor reprimir a rebelião de amplitude mundial, Ele ter de “esmigalhar” as nações “com uma vara de ferro” e “despedaçá-las como a um vaso de oleiro” (Sal. 2.9). Na verdade, durante o Seu reino Ele terá de “os *reger* com uma vara de ferro” (Ap. 2.27). Não é assim estranho que leiamos em Apoca. 20.7-9:

“E acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão,
E sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gog e Magog cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha.
E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu, e os devorou.”

Esta rebelião final culminará no lançamento de Satanás e de todos os descrentes no lago de fogo, e na introdução dos novos céus e da nova terra nos quais os reconciliados encontrarão o seu tudo em Cristo (Apo. 20.10 – 21.2; Efe. 1.9,10; Col. 1.19,20).

È solene e instrutivo ver no livro de Apocalipse como o *Cordeiro morto* ocupará o centro da glória do universo naquele dia. Nenhum dos remidos de qualquer século se gloriará então da sua justiça ou mérito próprios. Todos reconhecerão a sua indignidade e proclamarão os louvores d’Aquele que morreu a fim deles poderem viver e serem justificados e glorificados. E até os perdidos e todos os demónios e anjos reconhecerão então Jesus Cristo como Senhor. Porque Ele se humilhou e se submeteu “à morte de cruz ... Deus também O exaltou soberanamente e Lhe deu um nome que é sobre todo o nome:

“Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra,
E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.” (Fil 2.8-11).

SETE VEZES UM FRACASSO

Temos assim abundante testemunho histórico a respeito da profunda necessidade do homem de graça e de Cristo, pois ele demonstrou sete vezes sucessivas que com a queda se tornou numa criatura depravada e pecaminosa.

A *Dispensação da Inocência* terminou com o homem a rebelar-se contra o seu Criador e tornando-se pecador *por natureza*. A partir daqui o registo de todas as dispensações *principia* com evidências claras de que correrão o seu curso e terminarão em fracasso.

A *Dispensação da Consciência* principia com a narrativa dum homicídio e antes que outra dispensação seja introduzida, a terra encontra-se “cheia de violência”.

A *Dispensação do Governo Humano* principia com o primeiro governador do mundo a dar um triste espectáculo de si próprio por meio da embriaguês. Como poderia esta dispensação ser bem sucedida? Não é de admirar pois encontrarmos bem cedo toda a

raça intoxicada com a sua importância própria e, como resultado, tão profundamente humilhada como foi o seu primeiro governador.

A **Dispensação da Promessa** principia com o registo do fracasso de Abraão ao não entrar na terra de Canaã devido à incredulidade, e termina com Israel, a sua semente multiplicada a fracassar do mesmo modo ao não entrar também na terra prometida devido à incredulidade.

A **Dispensação da Lei** principia com o registo de Israel a adorar o bezerro de ouro e termina com Israel a crucificar “Deus feito carne” e depois a orgulhar-se desse hediondo crime.

A **Dispensação da Graça** principia com o embaixador do amor e graça perseguido e aprisionado. Esta dispensação ainda não terminou, mas quando isso acontecer será por os homens “não receberem o amor da verdade para se salvarem” (II Tes. 2.10).

O **Reino de Cristo** principiará com o retorno de nosso Senhor em ira a fim de reprimir a rebelião e **fazer cumprir** a obediência entre todos os Seus súbditos. Porém a obediência forçada raramente é sincera, e assim encontramos esta dispensação ser trazida ao seu término com multidões a seguirem Satanás para a destruição.

O fracasso séptuplo do homem demonstra historicamente que o homem é, **por natureza**, um pecador e necessita de Cristo como seu Salvador. Quão abençoado é saber que, em todas as dispensações, Deus tem tido sempre os Seus, os quais “receberam testemunho pela fé” (Heb. 11.39), e foram salvos na base do precioso sangue de Cristo, derramado por eles no Calvário (Rom. 3.25; Heb. 9.15).